

Editorial

Planeta Fome!

O Jornal Abaixo-Assinado faz uma singela homenagem nesta edição à cantora Elza Soares, falecida no dia 20 de janeiro de 2022, exatamente (no mesmo dia) trinta e nove anos depois da morte de seu grande amor, o genial Garrincha. Publicamos um texto escrito por Elza Soares que retrata sua luta e conquista.

“Um dia descobri que cantava.

O meu filho mais velho, João Carlos, estava morrendo, e eu já tinha perdido dois filhos, e não queria perder mais um.

Eu não tinha dinheiro pra cuidar do meu filho e ouvi no rádio que o programa do Ary Barroso de calouros, Nota 5, estava com o prêmio acumulado. Não sei como, mas eu sabia que ia buscar esse prêmio!

Fiz a inscrição e me avisaram que eu precisava ir bonita. Mas eu não tinha roupa nem sapatos, não tinha nada! Então, eu peguei uma roupa da minha mãe, que pesava 60 kg e vesti, só que eu pesava 32 kg, já viu né? Ajustei com alfinetes.

Tudo bem que agora é moda né? Hoje, até a Madonna usa, mas essa moda aí fui eu que comecei, viu? Alfinetes na roupa é muito meu, é coisa de Elza!

No pé coloquei uma sandália que a gente chamava de “mamãe tô na merda”, e fui!

Quando me chamaram, levantei e entrei no palco do auditório. O auditório estava lotado, todo mundo começou a rir alto, debochando de mim.

Seu Ary me chamou e perguntou:

– O que você veio fazer aqui?

– Eu vim cantar!

– Me diz uma coisa, de que planeta você veio?

– Do mesmo planeta seu, Seu Ary.

– E qual é o meu planeta?

– PLANETA FOME!

Ali, todo mundo que estava rindo viu que a coisa era séria e sentaram bem quietinhos.

Cantei a música Lama.

O gongo não soou e eu ganhei, levei o prêmio e meu filho está vivo até hoje, graças a Deus!

De lá pra cá, sempre levo comigo um alfinete.

Naquela época, eu achava que se tivesse alimentos pros meus filhos, não teria mais fome.

O tempo passou e eu continuei com fome, fome de cultura, de dignidade, de educação, de igualdade e muito mais. Percebo que a fome só muda de cara, mas não tem fim.

Há sempre um vazio que a gente não consegue preencher, e talvez seja essa mesma a razão da nossa existência.”

Grande e eterna Elza Soares!

ELZA

Traz sua voz e deixa vir as dores, as delícias, as alegrias tão suas quanto nossas. Canta sentimentos que brotam na pele, como cortes, como fios melódicos de nosso tecido social.

Seu canto estampado no ar enche de empatia e rasgar o silêncio da indiferença.

Seu canto de bicho solto no mundo vibrar na voz do universo...

Cantando tudo o que quis partiu silenciosa. Quem sabe, cantando para si mesma, a única canção cujo fim nunca acaba...

Imagem: Nando Motta Poema: Pablo das Oliveiras
PoesiaPresente Rio de Janeiro. 2022



COVID -19 em Jacarepaguá: avanço da ômicron, carnaval, fechamento da emergência no Cardoso Fontes, teste é preciso, o apelo de uma professora pela vacinação das crianças e o impacto na cultura



Nova cepa da covid-19 foi declarada "variante de preocupação" pela OMS - Justin Tallis / AFPF

A variante ômicron, mais transmissível, já responde por 97% dos casos de covid-19 no Brasil. O levantamento é da Rede Corona-Ômica.BR, vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). A pesquisa analisou 208.480 testes realizados, entre 1º de novembro e 6 de janeiro, nas 27 unidades federativas. Em dezembro, a nova variante representava 3,45% dos casos. No mês seguinte, esse número subiu para 67,5%. E nos primeiros dias de 2022, chegou a 96,9% do total. Leia muito mais nas páginas 3, 4, 5 e 7.

Capela de Nossa Senhora de Montserrat vira Paróquia

Página 8



Altar da igreja

Como cuidar do seu pet no verão

Página 5

Stella do Patrocínio: da Colônia Juliano Moreira para o mundo

Página 7

Conhecendo um pouco sobre a fruta lichia

Página 2

Um patrimônio a ser preservado: Igreja de Nossa Senhora da Penna

Página 6



Professora Juliana Bernardo

Dicas para fazer redação

Coesão na escrita

Olá, queridos leitores, como vão? Nesta edição chamarei atenção a um importante aspecto da escrita de textos: a coesão. Ela é fundamental, a fim de que se escreva com pleno sentido, além da produção textual proporcionar uma “costura” de ideias conexas. Por intermédio das classes gramaticais, é possível assegurar a não repetição de vocábulos, facilitando a ligação das orações. Trago a vocês as dez classes de palavras, e suas respectivas explicações, as quais propiciarão harmonia e conformidade ao seu texto:

Substantivos nomeiam seres, sentimentos, conceitos e também são conhecidos como sinônimos, pois evitam a reiteração de termos já escritos. Artigos são aqueles que determinam e indeterminam os nomes (o, a, os, as, um, uns, uma, umas). Adjetivos caracterizam, qualificam ou exprimem estado dos substantivos. Pronomes acompanham ou substituem um nome e definem a pessoa do discurso.

Preposições unem uma palavra a outra, estabelecendo uma relação entre elas. Conjunções ligam orações afirmando um elo de coordenação ou de subordinação. Interjeições são vocábulos ou expressões que evocam emoções. Verbos manifestam ações ou estados. Advérbios acompanham verbos, adjetivos ou outros advérbios modificando-os. E finalmente, os Numerais expressam quantidades, frações, múltiplos e ordem.

Torna-se extremamente relevante estudar constantemente a morfologia da Língua Portuguesa, pois por meio dela, a redação terá o resultado positivo nos exames prestados. Não se esqueçam de estar sempre com a gramática bem pertinho de vocês! Acessem as minhas redes sociais e acompanhem os meus conteúdos de Língua Portuguesa e de Redação: @professora_julianabernardo (Instagram). Profa. Juliana Bernardo (Facebook). Abraços e até fevereiro!



Conhecendo um pouco sobre uma fruta lichia

Leticia Ribeiro Leite
Técnica em Nutrição e Dietética
Instagram @leticiatecnutri01

A lichia (*Litchi chinensis* Sonn) é uma fruta de origem chinesa, pertencente à família Sapindáceas e é muito apreciada no Brasil devido ao seu aroma e sabor inigualáveis ao paladar.

Essa fruta se adaptou ao clima brasileiro e é valorizada no mercado nacional e internacional, além disso, devido a existência de estudos realizados acerca dela, foi possível identificar uma composição centesimal muito interessante. Entre os componentes presentes nessa fruta, se encontram: flavonóides, antocianinas e fenólicos, que de uma forma geral, são compostos que apresentam efeitos positivos ao nosso organismo.



Outra característica que está sendo explorada, é a composição nutricional da casca e da semente da lichia, com o objetivo de evitar que recursos se tornem resíduos nas indústrias, pois, se essas partes apresentarem ausência de fatores antinutricionais e possuírem valores nutricionais viáveis para o desenvolvimento de novos produtos, será possível aproveitar ao máximo a fruta.



Cozinha da Tia Nelci

Mjadra

Ingredientes

- 1 xícara de lentilhas
- 1 e 1/2 xícaras de arroz branco lavado
- 1 colher de chá de vinagre
- 3 cebolas médias
- 3 dentes de alho
- 1 folha de louro
- 1 colher de (sopa) manteiga
- Azeite
- Sal e pimenta do reino a gosto

Modo de Fazer

Deixar as lentilhas de molho por 6 horas (ela dobrará de volume) para ajudar a eliminar os fitatos (substâncias orgânicas derivadas do ácido fítico ou ácido hexafosfórico mioinositol).

Frite em azeite 2 dentes de alho e 1/2 cebola em azeite. Assim que os alhos e cebolas dourarem, coloque as lentilhas para refogar em um pouco. Acrescente 2 xícaras de água, 1 colher de (chá) sal e a folha de louro. Depois do início da fervura deixe de 15 a 20 minutos e desligue.

Frite em azeite 1 dente de alho e refogue o arroz. Adicione 1 colher de (chá) de sal. Acrescente 3 xícaras de água fervente e o vinagre. Deixe cozinhar em fogo brando até cozinhar.

Fatie em meia lua o restante da cebola e frite em 1 colher de manteiga, 1 colher de azeite e uma pitada de sal e um pouco de pimenta do reino até dourar bem (caramelizar).

Feito os três processos anteriores, misture, delicadamente, as lentilhas escorri-



das com o arroz pronto e coloque em uma vasilha. Por cima dessa mistura arrume as cebolas caramelizadas e pronto!

Curiosidades

A primeira receita registrada de Mjadra aparece no Kitab al-Tabikh, um livro de receitas compilado em 1226 por al-Baghdadi, no atual Iraque. Descrevia a receita como sendo arroz e lentilhas, servido desta forma durante celebrações.

Ficou muito popular em nosso país por sua referência a fartura e a boa sorte, virando um prato obrigatório em períodos de festas.

Além de saborosa, a lentilha contém benefícios para o sistema digestório por causa da ação de suas fibras, dos minerais potássio e magnésio e das vitaminas B9 e B6.

Seja Correspondente Comunitário do JAAJ

O Correspondente Comunitário, colaborador voluntário, é um elo de

ligação entre a equipe do Jornal Abaixo-Assinado

e os moradores da sua comunidade ou condomínio.

Seja Correspondente Comunitário na sua escola!

Contato pelo WhatsApp

(21) 97246-2213 & (21) 97143-4821

EXPEDIENTE



JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64
Para críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br
www.jaajrj.com.br - Tel (21) 97143-4821

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

Conselho Editorial: Aguinaldo Martins, Almir Paulo, Anna Karolina, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Humberto Peixoto, Ione Santana, Ivan Lima, Jane Nascimento, Leticia Ribeiro, Manoel Meirelles, Marcus Aguiar, Miguel Pinho, Paulo Silva, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberto Senna (Cabral), Severino Honorato, Sílvia da Costa, Val Costa, Valmiria Guida, Vaneide Carmo e Wladimir Loureiro.

Coordenação Geral: Almir Paulo.

Arte e Diagramação: Jane Fonseca.

Gestora de Redes Sociais: Sílvia da Costa

Site: Aguinaldo Martins

Instagram: Leticia Ribeiro

Facebook: Carla Scott

Comissão de Cultura: Anna Karolina e Cíntia Travassos

**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.

LEIA O SITE DO JAAJ

www.jaajrj.com.br

& FACEBOOK

Jornal Abaixo Assinado de Jacarepaguá



Almir Paulo

“De todas as formas de desigualdade, a injustiça na saúde é a mais chocante e desumana” (Martin Luther King)

O que estava péssimo se tornou um caos no Hospital Federal Cardoso Fontes com a decisão da Direção, no último dia 14 de janeiro, de interromper o atendimento de emergência por causa do alto número de profissionais de saúde afastados por Covid-19 ou Influenza.

A situação é grave no Cardoso Fontes. O afastamento já atinge quase metade (ou 45%) dos 2.500 servidores lotados na unidade. A dirigente regional do Sindsprev/RJ, Cristiane Gerardo, informou que 35 dos 117 profissionais que trabalham na emergência do hospital já estão afastados por testarem

positivo para a Covid-19 ou Influenza.

“O quadro é muito delicado, em virtude do aumento exponencial da contaminação, e isto tem impactado fortemente os hospitais. Não temos profissionais para formar escala. Já vivíamos no nosso limite e aí, nessa nova onda pandêmica, o que acontece é o desmonte e o fechamento de serviços. Os profissionais que não estão afastados por Covid-19 estão trabalhando sobrecarregados para compensar a falta de pessoal”, salientou a sindicalista Cristiane Gerardo.

Situação precária de toda a rede federal de saúde

Segundo o Sindsprev/RJ “a rede federal de saúde do Rio agoniza. Falta de concurso público, demissão em massa de profissionais contratados, improvisação, sucateamento, interdição de centenas de leitos, negligência e absoluto descaso com a vida humana. A forma como o governo Bolsonaro vem nos últimos três anos gerindo esta rede tinha, em algum momento, que mostrar suas nefastas consequências, e elas vieram



Foto: Mayara Alves (Sindsprev/RJ)

Manifestação contra a precariedade da rede federal, realizada no Hospital Cardoso Fontes.

ram em plena curva ascendente da variante Ômicron da Covid-19: nos seis hospitais federais do estado do Rio, cerca de 2,5 mil servidores estão afastados por conta da Covid-19”.

Infelizmente, o povo fluminense está na desassistência, exatamente no período em que mais precisa de atendimento na rede pública de saúde. Enquanto isso, o Ministério da Saúde apenas assiste.



Professor Pablo das Oliveiras

Você já fez o teste da Covid-19?

Eu fiquei com a Covid-19 durante uma semana, desde a festa de casamento, no sábado, e a gente foi ficando. Na segunda, o pai da noiva ligou, comunicando: “A noiva testou positivo”. Eu, mesmo sem sintomas, comecei a limpar a garganta, senti falta de ar e suei frio... Resolvi fazer o teste também! Fui ao Posto Médico do Tanque, e não passei além da triagem, de tão cheio que estava o atendimento de testagem. Voltei para casa e entrei noutra fila, ligando para o aplicativo de Saúde do Estado, e só consegui agendar o teste para sexta-feira, entre 10 e 11h, no Posto de Campo Grande. Caraca! de Jacarepaguá até Campo Grande é chão!... Mas, tá bom, é tudo Zona Oeste... Pensei.

Na sexta, munido da máscara PFF2 e

outra de pano por cima, combinando com o figurino, sai cedo de casa levando água, maçã e barra de cereal na mochila. Segui o trajeto traçado no Google Maps: Jacarepaguá – Barra – Campo Grande; parecia bom para o horário. Saltei do primeiro ônibus no Terminal da Barra; no BRT fui espiando o tanto de gente com o nariz fora da máscara e até sem ela; lá fora era a cidade confrontando a natureza: da estação Pontal à entrada da Grota Funda, passando por Guaratiba, a cidade é outra, e que outra será no dia a dia de seus moradores? Em baldeação no Magarça, subi no segundo ônibus até Campo Grande.

Da periferia ao centro de Campo Grande a paisagem do bairro se constrói no fazer de seus habitantes, do básico aos atrativos no local, quem provê são os próprios moradores; o estado e o mercado seguem

observando e agem por conveniências próprias. E a conveniência é enorme, a exemplo do Shopping Park Campo Grande, megaempreendimento construído na periferia do bairro, estrada do Magarça. Na mesma proporção, seu gêmeo, Shopping Park Jacarepaguá, está de olho no dinheiro que circula no mercado interno de Rio das Pedras, Muzema e Gardênia Azul. O empreendimento do Shopping se estendeu para além de suas grades, com obras de paisagismos e alterações no fluxo viário do bairro Anil e proximidades; adotou a E. M. Marechal Carrombert, seja lá o que isto significa para a comunidade, que a escola se mantenha pública e autônoma pedagogicamente.

Por fim, o posto de testagem em Campo Grande estava tão lotado, que cheguei num pé e voltei noutra. Compartilhei minhas la-

mentações pelo ZAP; lendo sobre o colapso que o contágio da Ômicron está causando ao sistema de saúde... Em meu socorro, veio a mensagem da amiga Eliane: “A Beth tá no CMS Álvaro Ramos, na Colônia, disse que tá vazio. Corre lá!” Um sanduíche reforçado substituiu o almoço, a maçã reforçou e, no trem, de Campo Grande à Vila Militar, fiz conexão ao BRT na Transolímpica até a estação Colônia (Museu Bispo do Rosário). O atendimento, bem organizado, levou cada qual da fila à resposta () reagente ou () não reagente, cada qual mais ou menos tenso, ante a possibilidade de adentrar à estatística da Covid Ômicron. Por fim, o meu resultado: Negativo! E voltei para casa, até a próxima viagem.

Interessante Mapa Interativo: <https://itdpbrasil.org.br/wp-content/local/brt-map/>.

Escreva para o JAAJ

Se você, caro leitor, deseja que o Jornal Abaixo-Assinado (JAAJ) publique sua denúncia, problema, sugestão ou reivindicação, escreva para gente jornalabaixoassinado@yahoo.com.br.

Canal direto com o JAAJ

O Jornal Abaixo-Assinado agora conta com um canal direto com você!

Adicione o nosso número e nos mande um alô para receber nossas mensagens.

Além disso, você pode mandar fotos, sugestões e ocorrências para o nosso Jornal!

Nosso número: (21) 97143-4821



Luiz Claudio Silva
Cofundador do
Museu das Remoções

Covid-19 x carnaval

Um jogo que o evento mais popular do Brasil, o carnaval, já poderia ter virado, mas que segue perdendo de goleada para uma pandemia que não está sendo encarada e tratada com a responsabilidade que deveria ser, principalmente pelas autoridades do país e também de algumas cidades. É importante lembrar a irresponsabilidade dos governos em não informar o surgimento de um novo vírus que assolava o mundo no final de 2019. No Rio de Janeiro, inclusive, insistiam em esconder a situação, para que o carnaval não fosse cancelado, visando à economia do estado.

Entendemos a grande importância da economia, porém é nítido que em alguns casos é inconcebível os dois caminharem juntos, uma vez que a pandemia não tolera aglomerações sem fazer vítimas. Portanto, era preciso escolher uma das opções: cuidar da população, tendo em vista a gravidade da disseminação mundial de uma nova doença, ou ignorá-la, para priorizar os grandes eventos. Porém, qualquer que fosse a escolha, haveria consequências, ressaltando que a vida de cada ser humano é insubs-

tituível, a vida deve estar sempre em primeiro lugar.

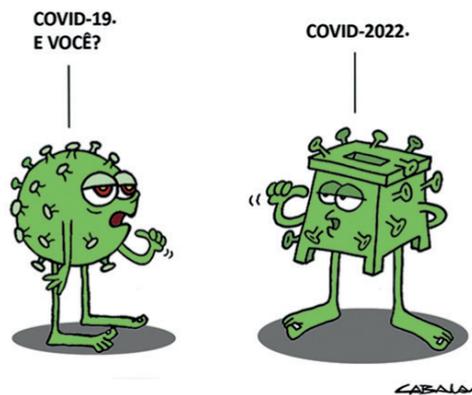
A conscientização por meio da educação é o principal fator para tomar decisões assertivas, mas, infelizmente, o Brasil ainda está longe de dar prioridade a ela. Muitas pessoas se baseiam em fake news (notícias falsas) sem procurar saber a veracidade daquela informação, causando confusão e ajudando a propagar fatos que levarão mais transtorno à população.

“Educação brasileira está em último lugar em ranking de competitividade.” “No eixo que avalia a educação, o Brasil teve a pior avaliação entre as nações analisadas, alcançando a 64ª posição”. CNN/Brasil, junho de 2019

Em pleno século XXI, a educação da grande massa é conduzida de forma precária pelo sistema brasileiro, para que o povo seja tratado como marionete. Ficamos sem o carnaval de 2020, 2021, e a Prefeitura da cidade do Rio já cancelou o carnaval de rua nes-



te ano, deixando o Desfile das Escolas de Samba de 2022 na corda bamba. É verdade que somos um povo alegre e festeiro, mas, sinto dizer, somos também muitas vezes irresponsáveis, e pagamos para ver uma conta que, com frequência, chega muito alta. Esse jogo, já está 3 x 0 para a pandemia, uma verdadeira goleada. Entretanto, apesar das perdas, ainda estamos muito longe de aprender certas lições.



Ensaio para o carnaval 2022



Meio Ambiente & Turismo *Carla Scott - Ecologista*



Fortes Chuvas podem derrubar lixo químico no Paraíba do Sul

As fortes chuvas que acontecem na região de Minas Gerais podem causar um colapso hídrico na região fluminense, isso porque o Rio Paraíba do Sul, responsável por abastecer 75% da população fluminense corre o risco de receber uma montanha de aproximadamente 30 metros de altura de resíduo siderúrgico da CSN em Volta Redonda. Quando entramos na cidade de Volta Redonda o local recebe diariamente 100 caminhões de lixo químico chamado escória de aciaria. Conforme divulgado por Mario Moscatelli e demais ambientalistas, a preocupação é a de que as fortes chuvas podem tombar a pilha de resíduos diretamente no Rio e provocar um grande desastre ambiental.

De acordo com ambientalistas, as empresas CSN/HARSCO não apresentaram aos órgãos competentes os seus respectivos estudos hidráulico-hidrológicos e os obrigatórios estudos geotécnicos.

Em setembro de 2019, a Comissão de Saneamento Ambiental da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) vistoriou o local e constatou que a montanha de resíduos produzidos pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) não teve sua altura reduzida a quatro metros, como determinava a liminar deferida parcialmente pela 3ª Vara Federal de Volta Redonda. A pilha de lixo químico estava em vinte metros de altura.

Devido à montanha de lixo químico, a CSN foi intimada



Lixo químico às margens do Rio Paraíba do Sul.
90% das águas do Rio Guandu vem do Paraíba do Sul.

a pagar uma multa diária de R\$ 20 mil, estabelecida pela Justiça Federal. O valor teria de ser pago enquanto a montanha de escória depositada a poucos metros do Rio Paraíba do Sul não fosse reduzida. A decisão foi do juiz Bruno Otero Nery, da 3ª Vara Federal de Volta Redonda, que frisou o não cumprimento do prazo de 120 dias úteis estabelecido em agosto de 2018.

Sérgio Ricardo, cofundador do Movimento Baía Viva: “Diante dos enormes estragos provocados pelas chuvas, é fundamen-

tal que as autoridades públicas notificadas ajam imediatamente orientadas pelos princípios da Precaução e da Prevenção que são os pilares do Direito Ambiental nacional e internacional visando determinar, seja pela via Administrativa (por meio de Recomendação Técnica conjunta do MPRJ e MPF) e/ou através da proposição de uma Ação Civil Pública (ACP) Ambiental, o reconhecimento da inadequação do pátio de escória de aciaria das empresas CSN/HARSCO METALS na beira do rio Paraíba do Sul, assim como para determinar a imediata de outro local ambientalmente seguro e adequado para a instalação de um novo depósito de lixo industrial da CSN/Harsco metals, para livrar de vez o risco de um Colapso Hídrico no Rio Paraíba do Sul, manancial estratégico que diariamente abastece 75% da população fluminense (9 milhões de pessoas), além de atender a demanda hídrica de setores como indústria, agricultura e serviços”.

Em nota, a CSN sempre reforça “que o material armazenado não é perigoso, conforme classificação da ABNT, não representando qualquer risco ao meio ambiente ou a saúde”, e que o processamento do material é realizado pela empresa terceirizada Harsco Metal.



**EM DEFESA
DOS ANIMAIS**

Vaneide Carmo

No verão — como também no inverno — é preciso redobrar os cuidados com os pets. O calor pode desidratar seu animal, sem que você, caro leitor, perceba. Ao sair de casa para passear, fique atento aos horários, pois o sol quente pode causar insolação, além de queimar as patinhas. Evite sair entre 12 e 15 horas, que é o horário de pico de sol, porque a temperatura durante esse período não é saudável nem para você nem para seu cão.

É importante não esquecer de levar sempre água fresca. No verão também é comum aparecer pulgas e carrapatos nos cães e gatos. É preciso uma visita ao veterinário para saber o remédio adequado que deve ser dado a eles. Pulgas e carrapatos causam problemas sérios, prejudicando a saúde do animal. Fique



Este gatinho é dócil, sociável, está bem tratado, castrado e testado para o vírus da imunodeficiência felina (FIV) e o vírus da leucemia felina (FeLV) que podem causar muitos tipos de doenças e morte em gatos infectados.

Estes vírus não infectam humanos ou outros animais. Para adoção responsável entre em contato com Shirley (99385-5874) ou Vaneide (98180-9458).

Cuidados no verão com seus pets



Angelina Jolie é dócil, tem 2 anos, está castrada e devidamente vacinada. Para adoção responsável faça contato com Vaneide (98180-9458).

atento!

No verão, você ainda pode fazer um carinho extra para seu pet oferecendo sorvetes caseiros de frutas frescas para amenizar o calor, sempre com moderação. Pergunte ao veterinário quais as frutas mais indicadas.

Dicas: o sorvete de melancia com umas folhinhas de hortelã não precisa ser adoçado — bata a melancia sem as sementes com um pouco de água e as folhas de hortelã, coloque nas forminhas de gelo e guarde no freezer. Este sorvete é o “bicho”. Já o sorvete de banana com iogurte é rico em fibras, potássio, além de ser antioxidante. O iogurte natural contém vitamina do complexo B e equilibra a flora intestinal.

E lembre-se de vacinar seus pets, porque nesta época surgem várias doenças.

Não compre um amigo de estimação, adote.

Protesto contra abusivo aumento de 40% na tarifa de trem

Autorizado pela Agência Reguladora de Serviços Públicos Concedidos de Transportes Aquaviários, Ferroviários, Metroviários e de Rodovias do Estado do Rio de Janeiro (Agetransp), o reajuste prevê que a tarifa de trens urbanos passará dos atuais R\$ 5,00 para R\$ 7,00, a partir do próximo dia 2 de fevereiro.

Usuários de trens urbanos do Rio protestam na próxima terça-feira (25/1) contra o anunciado reajuste de 40% no valor da tarifa do serviço, do qual milhares de trabalhadores dependem todos os dias para exercerem suas atividades laborais. Convocada pelo Fórum de Mobilidade Urbana, Faferj, Fórum por Direitos e Liberdade e pelas frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo, a manifestação será realizada a partir das 16h, em frente à Central do Brasil.

PAGAR R\$ 7 NO TREM É COVARDIA!

25 JAN 16H CENTRAL DO BRASIL

ATO CONTRA O AUMENTO DA PASSAGEM E DA FOME

FORA BOLSONARO RJ | FRENTE BRASIL POPULAR | POVO SEM MEDO
FÓRUM POR DIREITOS E LIBERDADE | IDEC | CASA FLUMINENSE
FÓRUM DE MOBILIDADE URBANA RJ | MEU RIO | FAFERJ



Apelo de uma professora

Anna Karolina
Professora

A muitos escuto um burburinho: não vou vacinar meu filho!

Quando vacinamos as crianças estamos participando do pacto coletivo e cuidando da saúde daqueles que não podem, por razões médicas, se vacinar. Vacinem seus filhos, seus netos e cobrem aos responsáveis que vacinem suas crianças.

E vamos cobrar aos governantes para que a vacina seja obrigatória para a entrada nas escolas e universidades!



Fórum das Vargens

Ivan Lima

Nos dias 10, 11 e 12 de dezembro de 2021 aconteceu o Fórum das Vargens, com o tema "Justiça Ambiental como Direito". A coordenação do evento foi da Associação de Moradores e Amigos de Vargem Grande (AMAVAG).

O Fórum das Vargens, dar continuação ao trabalho e proposições do Plano Popular das Vargens, visa um debate amplo e público sobre justiça ambiental e porque ela é tão necessária numa região sem planejamento urbano, com degradação ambiental, ameaças de remoções das comunidades, enchentes, falta saneamento básico, transporte urbano deficiente e sem escolas de Ensino Médio.

No dia 21 de dezembro de 2021, o Fórum das Vargens fez um debate específico sobre Saúde Ambiental - síntese de lutas e políticas em tempos de pandemia. Aliás, a ideia é mensalmente aprofundar o debate de um problema específico das Vargens.

Os movimentos sociais, os agricultores e as comunidades da região de Vargem Grande, Vargem Pequena, Camorim e do Recreio dos Bandeirantes estão mobilizados na construção do Fórum das Vargens. Para as lideranças da região não se pode continuar falando da degradação do meio ambiente sem falar das desigualdades sociais e acesso as políticas públicas. A luta na Vargens é pelo direito a terra e água para morar e plantar.

FÓRUM DAS VARGENS LIVE DE ABERTURA 10/12 às 19:00 h

Justiça ambiental como direito

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

Linktr.ee/Amavagrj

Realização e Coordenação: **AMAVAG**

Participação híbrida presencial, zoom e Youtube
Inscrições a partir de 01/DEZ

acesse: sertaocarioca.org.br
Siga-nos nas redes sociais
@amavagrj

Um patrimônio a ser preservado que reserva uma vista espetacular da baixada de Jacarepaguá: Igreja de Nossa Senhora da Penna

Marcelo Sant' Ana Lemos*

Neste mês as chuvas não deram descanso as populações de vários estados do Brasil, levando dor, sofrimento e prejuízo para milhares de famílias em Minas, Bahia, Pará, Tocantins e Goiás. Nossa solidariedade aos que foram desalojados, desabrigados e enlutados. Pedimos aos nossos leitores que ajudem a levar algum conforto através de doações, que podem ser feitas para entidades confiáveis, que põem a mão na massa, como a CUFA ou a Ação da Cidadania.

Um dos vídeos que mais foi veiculado pela mídia nesse fim de semana, foi o desmoronamento de algumas casas em Ouro Preto, causado pelo deslizamento de terra do Morro da Forca, que destruiu por completo o bellissimo Solar Baeta Neves, do século XIX, que já estava desocupado há dez anos, por conta da instabilidade da encosta. Em vez de fazerem obras de contenção, já apontada como urgente e necessária, em estudos geológicos, simplesmente deixaram o casario desmoronar!

Refletindo sobre isso o meu pensamento voou para a década de oitenta, do século passado, quando era professor de geografia do Colégio Estadual Senador Teotônio Vilela, que fica na Rua Barão, na Praça Seca. Eu junto com o professor de biologia e a professora de história propusemos um projeto multidisciplinar para estudar a baixada de Jacarepaguá, sobre vários olhares. Para isso levaríamos os alunos num trabalho de campo cujo objetivo era poder observar toda a baixada, com explicações dos professores sobre a região, a partir da ótica de cada disciplina, e com isso estimular a produção de trabalhos escolares sobre a região. Fizemos então uma prévia do trabalho, visitando o local escolhido para a atividade de campo: o Morro ou Pedra do Galo, com 170 metros de altura, onde fica a igreja de Nossa Senhora da Penna.

Era a primeira e única vez que subia naquele Morro e o impacto da vista e da própria igreja me impressionaram as retinas! Temos dali uma visão de 360º de toda a baixada de Jacarepaguá, podendo distinguir as diferentes áreas, facilitando a compreensão dos seus processos de ocupação, vemos também as diversas lagoas e os maciços da Pedra Branca e da Tijuca, a imensidão das praias na Barra da Tijuca e no Recreio, além do Oceano Atlântico. Em resumo: uma paisagem de grande beleza cênica, que inspirava diversas abordagens, como era o nosso objetivo com os alunos.

Uma grande surpresa foi visitar a igreja de Nossa Senhora da Penna. Ela é considerada a segunda construção religiosa de Jacarepaguá, erguida entre 1633 e 1642, como uma ermida (uma

pequena construção rústica fora de povoados), para devoção dos fiéis. Existe uma lenda que justifica a sua construção: um pequeno escravizado perdera uma vaca do dono daquelas terras e estava apavorado com a surra prometida pelo senhor caso não encontrasse aquela rês. No seu desespero pediu proteção à Virgem. Qual não foi a sua surpresa, quando olhou para o Morro do Galo, e viu Nossa Senhora apontando onde estava a vaca. O “milagre” teria acontecido no dia 8 de setembro de 1661 e foi presenciado pelo fazendeiro que, em reconhecimento, mandou construir uma ermida e alforriou o escravizado, que dizem foi o primeiro registro de alforria no Brasil Colônia. Assim reza a lenda!

Todo ano a irmandade de Nossa Senhora da Penna comemora no dia 8 de setembro, a festa máxima daquela igreja, enfeitando a igreja, montando barraquinhas no entorno, instalando brinquedos para crianças e realizando a missa do lado de fora.



Fachada da Igreja – Com uma sineira só.

A igreja só tem um sino, e dentro dela podemos encontrar seis belíssimos painéis azulejados portugueses, que retratam cenas da vida de Nossa Senhora. Além de uma série de ex-votos, contando as graças alcançadas por conta da devoção a santa, o que resulta numa grande quantidade de muletas, fotografias, tranças de cabelos, cartas, além de pernas, barrigas, braços e cabeças de cera de gente que foi curada.

Eu me lembro como me impactou as diversas pinturas de ex-votos do século XVIII, existente nas paredes laterais da igreja.



Foto: Fernando da Silva Oliveira

Um dos painéis de azulejo português da igreja

São descritos diversos acontecimentos do cotidiano daquele sertão de Jacarepaguá, as dificuldades encontradas naquela época e os resultados que os fiéis atribuíam a intervenção divina. Havia muitas romarias para aquele penedo, tanto que ao lado da igreja foi construída uma casa para recepção dos romeiros.

Em 1664, o Padre Manoel Araújo levantou uma edificação mais robusta no lugar da ermida, com paredes mais espessas, afortalezada, pois havia receio de ameaças de invasões de piratas ou povos indígenas. Uma casa de reza e de defesa dos cristãos da época. Em 1771 um grande terreno é acrescido ao patrimônio da igreja.

Um outro “milagre” ocorreu no ano de 1770, quando por conta de reformas na igreja, era necessário trazer água morro acima. Naquela época eram os escravizados que cuidavam do transporte de água, os “encanamentos” eram os seus braços e pernas, que em jornadas penosas abasteciam as casas nas cidades e no campo. Um escravizado mais velho, cansado de subir e descer 170 metros de ladeira apelou para Nossa Senhora da Penna e a água jorrou da pedra! Até poucos anos atrás ela corria na fonte denominada Água Milagrosa, cuja bica ainda se encontra lá.

Para chegar hoje a igreja as pessoas têm duas opções: subir a pé a ladeira de Nossa Senhora da Penna cujo calçamento é de “pé de moleque”, construído por escravizados, ou usar o plano inclinado, construído pela prefeitura, em 2014.

Vale a pena conhecer esse patrimônio histórico e cultural da nossa cidade e descortinar de uma vista maravilhosa de Jacarepaguá.

Para saber mais:

- Araújo, José de Souza Azevedo Pizarro e. O Rio de Janeiro nas visitas pastorais de Monsenhor Pizarro: Inventário de Arte Sacra Fluminense. Rio de Janeiro: INEPAC, 2008.

- Miranda, G.I. MacDowell dos Passos Miranda. O Santuário Nacional de Nossa Senhora do Loreto. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural Edições Ltda.

*Historiador e pesquisador da história carioca



Mãos ao Alto!

Eterna Aprendiz

Cláudia Scott
Publicitária
Instagram: @claudia_scott1

Sim. Fui assaltada dias antes do Réveillon. Lá vinha eu dirigindo o meu carro, tarde da noite, voltando de um happy hour quando fui abordada por dois rapazes em uma moto. Coincidência (ou não) eu estava quase chegando em casa quando “algo” me soprou um pensamento solto: “Fique atenta! Muitos assaltos acontecem quando a pessoa está chegando em casa e, por isso, já está mais relaxada e distraída.” Mal eu pen-

sei nisso avistei um farol alto no meu retrovisor. Logo percebi que era uma moto que vinha de maneira acelerada.

Pensei: “Vou ‘embicar’ com o carro numa garagem aqui da rua e vamos ver se a moto vai parar ou ir embora.” A moto me ultrapassou pela direita e fiz exatamente isso. Quando olhei para a esquerda, a moto com dois rapazes estava parada. Eles me olharam rapidamente e, em frações de segundo, o rapaz que estava na garupa desceu e se aproximou do meu carro apontando a arma para mim. Eu logo abri o vidro e entreguei o celular e a bolsa. Ele ainda abriu a porta do carro, me revistou para ver se tinha mais alguma coisa na minha cintura, e levou até a minha lixeirinha de oncinha, acredita?

Depois disso voltou para a garupa correndo e, rapidamente, eles arrancaram com a moto madrugada adentro. Eles seguiram o caminho deles e eu segui o meu. Voltei para a casa dirigindo calmamente. Não senti medo. Não fiquei nervosa. Não senti raiva. Eu só conseguia agradecer (ao meu Anjo da

Guarda, ao Universo, a Deus) pelo pensamento do “Fique atenta!” segundos antes de eu avistar a moto; e desejar que os dois rapazes tenham mais tempo aqui nesse mundo. Para que possam tentar passar a limpo suas próprias vidas.

Viajei no dia seguinte. Faltavam dois dias para o Réveillon e lá fui eu. Viva meu celular velho (que ainda funciona), viva o fato de eu estar inteira, viva a vida! Todo dia 31 de dezembro um ano termina. Todo dia 1º de janeiro um ano começa. No entanto, independente de calendários, não precisamos esperar a segunda-feira para começar a dieta. Não precisamos esperar o mês que vem para começar a academia. Não precisamos esperar o próximo dia 31 de dezembro para criar promessas. Lembre-se: a vida acontece todos os dias.

Na hora da virada, em meio ao barulho dos fogos, pensei: “Estou viva! Aqui. Agora.” E lá estava eu, celebrando e agradecendo a vida, sob a chuva que caía. Descalça na grama, com as mãos ao alto.



Cíntia Travassos
Produtora

O impacto da pandemia na área da cultura

Um dos setores que sofreram com a pandemia foi a cultura, e vários artistas, agentes culturais, fazedores de cultura, museus, espaços culturais, teatros, cinemas, entre outros, tiveram suas atividades suspensas e precisaram se isolar em prol da coletividade.

Foi um momento preocupante economicamente para todos. Muitos dos coletivos da Zona Oeste se solidarizaram e realizaram campanha por meio da vaquinha virtual para ajudar famílias das periferias com cestas bási-

cas. A Zona Oeste, que é considerada um celeiro de artistas, e que antes da pandemia já apresentava problemas com relação à visibilidade dos trabalhos e à falta de investimento por parte dos governantes, viu as suas dificuldades se acentuarem.

Diante dessa situação, os fazedores de cultura da Zona Oeste tiveram que se reinventar, invadindo os espaços on-line da internet, e recorrer aos recursos digitais, culminando em um boom de lives, que acabaram tornando-se uma forma de democratizar o acesso à cultura e válvula de escape para a solidão e o isolamento.

Apesar dos recursos digitais possibilitarem tal democratização, houve um aprofundamento nas desigualdades sociais quanto

ao acesso à internet, o que afetou principalmente as famílias menos escolarizadas. Nesse período, foi sancionada a Lei no 14.017, de 29 de junho de 2020 (Lei Aldir Blanc), com o objetivo de garantir uma renda emergencial aos trabalhadores da cultura, além de assegurar a manutenção dos espaços culturais durante o período da pandemia da Covid-19.

A iniciativa homenageia o escritor e compositor carioca Aldir Blanc, falecido vítima do coronavírus. Segundo o JB, mais de R\$ 250 milhões foram investidos pelo governo fluminense na área da cultura, em 2021, por meio da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro (SECECRJ), com intensificação de patrocínio a projetos no interior do estado. Ainda

este ano serão distribuídos R\$ 4 milhões a 120 projetos, em duas categorias: favelas da Zona Sul e do Centro (APs 1 e 2) e localidades das Zonas Norte e Oeste (APs 3, 4 e 5).

Alguns grupos e projetos da Zona Oeste como Cia 2 Banquinhos, Ilumina Zona Oeste, Feira Cultural Quintal da Taquara, As Panambis de Cultura Popular & Quitutes, Fala Zona Oeste, entre outros, foram contemplados e abraçados pela lei e pelos editais, o que foi um desafio para muitos deles, pois tiveram que aprender, em tempo recorde, a elaborar projetos e realizá-los de forma híbrida.

Esperamos que a implementação da Lei Aldir Blanc seja um pontapé inicial para a democratização de acesso, a valorização e o investimento na cultura da Zona Oeste.

QUEM SOMOS - Depoimentos dos artistas

O JAAJ ouviu alguns artistas sobre este momento da cultura na cidade do Rio de Janeiro, em Jacarepaguá e na Zona Oeste. Confira os depoimentos dos artistas:

“Acredito que o campo da cultura foi o mais prejudicado, pois a arte e o entretenimento vivem do público, das pessoas. Então, ele teve que se reinventar. Todo artista teve que virar cineasta da noite para o dia. Vários não estavam preparados para isso e ainda não estão. Até o momento, a cultura ainda não voltou como deveria voltar, e o futuro ainda é instável.” (Luciana Ezarani, atriz e diretora da Cia. Teatral Aslucianas)

“Para o ano de 2022, estou com grandes expectativas e metas maiores para alcançar não só trabalhos na Cia. 2 Banquinhos, como também a estreia do meu monólogo, o lançamento do meu livro e de ministrar oficinas nas escolas. (Vinícius Veloso, o Palhaço Fulano)



Palhaço Fulano sempre alegrando as pessoas com seu carisma

“Durante o período da pandemia não parei de trabalhar e investi na divulgação on-line, na qual realizei bazar virtual e expus meus artesanatos na Casa de Cultura de Jacarepaguá, expandindo e solidificando mais ainda as minhas vendas e a clientela. Espero que no ano de 2022 possamos vencer os problemas eleitorais e tenhamos expansão e investimentos na área da cultura da Zona Oeste.” (Teca Ceramista)

“Não foi um tempo dos melhores, mas também não foi dos piores, pois nesse período de pandemia participei de várias iniciativas de grupos da Zona Oeste, como a Cia. 2 Banquinhos, a Feira Cultural Quintal da Taquara, entre outros que foram contemplados pelos editais e que me ajudou bastante financeiramente.” (Maicon Lima, cantor)



Maicon Lima esbanjando alegria em seu vídeo clipe É Carnaval

Arte Etc. & Tal

Da Raiz, o Falatório, narrativas de Stella do Patrocínio



Vanessa Guida
Artista Visual e Pesquisadora

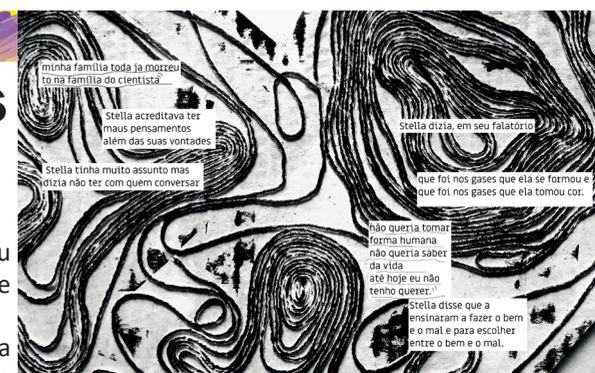
Stella do Patrocínio nasceu no dia 9 de janeiro de 1941, aqui mesmo, no Rio de Janeiro. Era jovem e trabalhava, quando foi deliberadamente encaminhada ao Centro Psiquiátrico Dom Pedro II, após ser presa. Este resumo aponta para sua voz como tática (involuntária) de permanência no ambiente hostil. Ela foi internada pela primeira vez em 1962, e transferida para a Colônia em 1966, onde passou a viver até a sua morte, em 1992, por diabetes e tristeza. Stella sofreu um duro processo de desterritorialização ao ser asilada compulsoriamente num hospital psiquiátrico. Usou a fala, a palavra e o silêncio como elementos fundamentais na construção das suas narrativas. Havia para ela a necessidade de pertencimento que ao mesmo tempo se

configurava um lugar de perda, ausência e solidão, buscando por meio da comunicação oral estabelecer uma espécie de vínculo, ou individualização, com o espaço no qual permaneceria até o final da vida.

É fundamental trazer para esta discussão a construção poética, pois foi a partir dela que Stella resistiu ao longo dos anos que passou na Colônia. Participava das oficinas de arte que já ocorriam no espaço, como parte da reforma psiquiátrica, mas não gostava de desenhar nem pintar, preferia a conversa, o “falatório”, como ela mesma denominava. De acordo com a psicanalista e doutora em filosofia Viviane Mosé, que reuniu o que viria a se tornar o livro Reino dos bichos e dos animais é o meu nome (2001), com diversas falas (poéticas) de Stella que, por meio de fragmentos de memória, por vezes incômodos, expressava sua perplexidade com o mundo. Assim, também se distinguia dos demais internos, como se olhasse a si mesma

e as suas condições de fora do seu corpo, numa verdadeira prática de sobrevivência.

O objetivo indubitável desta investigação é trazer ao centro do diálogo a poética feminina marginalizada e desterritorializada, através do eco da voz de Stella. E refletir acerca de como era feita a manutenção e contenção de corpos, a partir de óticas higienistas essencialmente racistas e sexistas, nos hospitais psiquiátricos, por exemplo. E como a voz e a experiência feminina na sociedade são percebidas e, por diversas vezes, invalidadas. Ou mesmo a normatividade como o lugar em que a mulher é inserida e mantida quando se torna essencialmente incômoda, precisa ser discutido com mais profundidade. O movimento da reforma psiquiátrica brasileira, ainda que sustentado nos direitos humanos (universais), pouco tem incorporado especificidades do adoecimento psíquico de mulheres. No Bra-



sil, estudos apontam que elas são a maioria nos serviços de saúde mental. A existência de Stella e o seu falatório, hoje, são considerados fundamentais para pensar questões como: apagamento e permanência da individualidade humana, protagonismo da mulher negra, saúde física e mental pela arte como medida curativa de relevância comprovada.

* Este resumo foi apresentado no Simpósio Temático I: desconstrução do manicômio do Seminário Memórias da Loucura 4, no Instituto Municipal Nise da Silveira, em 16 de dezembro de 2021.

Palavras-chave: reforma psiquiátrica, Stella do Patrocínio, poética, narrativas femininas, Colônia Juliano Moreira, arte

Capela de Nossa Senhora de Montserrat vira Paróquia



Yakaré Upá Guá

Professor Val Costa
Texto

O dia 1º de janeiro foi comemorado pelos fiéis católicos de Vargem Pequena por dois motivos: o início de um novo ano e a transformação da Capela de Nossa Senhora de Montserrat em Paróquia. Isso muda consideravelmente o status desse templo dentro da hierarquia criada pela Igreja Católica Apostólica Romana. As capelas são templos secundários, que geralmente servem para atendimentos religiosos em locais específicos, como comunidades quilombolas, colégios, universidades, presídios, conventos, quartéis e propriedades rurais. Elas estão subordinadas a paróquias próximas. Já as paróquias, são definidas pelo Código de Direito Canônico Católico como determinadas comunidades de fiéis, constituídas estavelmente nas Igrejas particulares, administradas pelos párocos. Portanto, a Paróquia não se limita a uma construção específica, que é a matriz ou sede paroquial, mas ao território no qual a Igreja está inserida.

A atual Paróquia de Nossa Senhora de Montserrat foi concluída no ano de 1766 e fica sobre uma colina 120 metros de altitude, no bairro de Vargem Pequena. O templo original, construído em 1732 e denominado Capela de Nossa Senhora do Pilar, ficava em Vargem Grande e foi destruído por uma forte ventania na segunda metade do século XVIII. A beleza do seu altar-mor, construído em



Nave e altar-mor da Paróquia de Nossa Senhora de Mont Serrat
madeira por artesãos populares, fez com que esse templo fosse chamado de “joia do Império”. Na década de 1950, a imagem original de Nossa Senhora de Montserrat foi



Fachada da Paróquia de Nossa Senhora de Mont Serrat

transferida para o Mosteiro de São Bento, sendo colocada uma réplica feita em gesso no seu lugar. A Capela foi inicialmente tombada pela antiga Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Guanabara em 1970 e, em 1978, foi tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC).



Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá

Renato Dória - Professor e pesquisador

O Recreio antes do Recreio: vestígios da presença indígena e o morro do Rangel

É comum a afirmação de que antes do século XX a região onde está situado o bairro do Recreio dos Bandeirantes teria permanecido isolada por muitos anos. E a ocupação humana digna de nota teria começado apenas com as ações de empresas e investidores do ramo imobiliário. Estes são descritos como verdadeiros desbravadores de uma natureza intocada, cuja maior façanha foi a gradativa mercantilização da terra e formação de um mercado imobiliário neste recanto da terra carioca. Desta forma, nomes como J. Wesley Fynch, Banco de Crédito Móvel, Raul Goulart, Pasquale Mauro, Holofernes de Castro e Sérgio Castro acabaram sendo consolidados nas narrativas sobre a história do bairro.

Ponto em comum nas diferentes versões sobre a origem do nome do bairro Recreio dos Bandeirantes é a menção à presença de paulistas nas praias do Pontal de Sernambetiba nas primeiras décadas do século XX, seja fazendo excursões, seja alugando ou adquirindo casas de veraneio. Daí viria o nome Recreio dos Bandeirantes. Desta forma, sobre a ocupação humana na região, a situação não é diferente: ponto em comum é a menção à supostos proprietários e a uma série de transações imobiliárias.

Joseph Wesley Fynch adquiriu na década de 1920 uma gleba do desmembramento de uma antiga fazenda no Pontal de Sernambetiba, antes pertencente ao Banco de Crédito Móvel. Este, por sua vez, teria adquirido terras da mesma fazenda junto ao professor Raul Goulart. Ao que tudo indica, o imbróglio decorrente de nebulosas transações imobiliárias não ficou restrito

apenas à Barra da Tijuca, estendeu-se até o Recreio dos Bandeirantes.

Se a história recente (cerca de 100 anos) e nome do bairro do Recreio dos Bandeirantes está na produção e comercialização imobiliárias de meados do século XX na cidade do Rio de Janeiro, os nomes de localidades do bairro e proximidades fazem referência a um passado para além dos limites do século XX, da mercantilização desenfreada da terra e dos projetos de urbanização: Itapuã, Itaúna, Itapeba, Sernambetiba, Currupira, Caetés e Piábas são testemunhos da importância da presença dos povos originários na ocupação humana da região ao longo do tempo.

A expressividade do vocabulário do tronco linguístico tupi indica que mesmo tendo sofrido derrotas e perdido territórios desde o século XVI para os invasores portugueses, as populações originárias continuaram capazes de influenciar na formação da cultura da sociedade colonial da zona oeste carioca. Segundo relatos de moradores antigos, o bairro no passado teria o nome de Currupira ou Corrupira, influência forte da cultura indígena local que a colonização portuguesa não conseguiu apagar.

Já o morro do Rangel faz referência a Julião Rangel de Macedo, militar português que lutou durante o século XVI nas guerras de invasão e conquista dos territórios Tamoios situados na atual cidade do Rio de Janeiro. Junto de Jerônimo Fernandes, Julião Rangel foi um dos primeiros sesmeiros de toda a Baixada de Jacarepaguá, região onde no século XVI estava situada as famosas Aldeias de Guaraguassumirim e Takuarussutyba.

Por outro lado, a área do morro possui várias grutas e abri-



Gleba C, Recreio dos Bandeirantes, década de 1960. Nesta foto vemos o Morro do Rangel, a BR-101 (atual Avenida das Américas), o canal de Sernambetiba, o canal das Taxas, o canal do Cortado, o canal de Piábas, a avenida vereador Alceu de Carvalho.

gos sobre as rochas, onde foram realizadas pesquisas arqueológicas desde a década de 1960. Lá foram encontrados vestígios das culturas Tamoio e dos povos construtores de sambaquis em grutas descobertas na década de 1970. Em 1975 a área do morro do Rangel foi declarada bem tombado do Estado da Guanabara, antiga denominação da cidade do Rio de Janeiro durante a ditadura civil-militar.

O tombamento do morro do Rangel fez parte de um conjunto de ações de preservação inaugurados pelo antigo Estado da Guanabara, cuja proposta foi proteger determinados sítios naturais para a valorização das condições históricas, paisagísticas e ambientais da região, evitando a transformação completa da paisagem pela urbanização e avanço das construções imobiliárias.

Foto: <https://riodejaneiro.com.br/>